

---

# Crónica de onomástica paleo-hispânica (16)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

## R E S U M O

Proseguimos a nossa análise de diversos nomes próprios pré-latinos maioritariamente testemunhados em território hispânico, questionando em grande medida algumas das recentes abordagens aos mesmos. Tal como é habitual, nenhuma das entradas incluídas neste estudo se reporta a nomes até hoje inéditos.

## A B S T R A C T

We continue our analysis of several pre-Latin names, mostly documented in the Iberian Peninsula, by questioning some recent approaches to them. As in previous texts of this series, none of the entries included in our study refers to place or personal names so far unpublished.

**abeli[r?]**. Cálato de cerâmica ibérica. Tarragona. Panosa, 2009, pp. 183–184.

A nossa proposta de restituição assenta no cotejo que estabelecemos entre **abeli[---]** e **abelir**, atestado em Pech Maho (Solier, 1979, p. 82), que segmentámos em **abel-ir** (Faria, 1990–1991, p. 82, 1994a, p. 66, 2004a, p. 302), NP cuja existência Rodríguez (2002 [2003]) não soube reconhecer.

Conquanto mais remota, não pode ser, todavia, completamente eliminada a hipótese de o NP de que nos vimos ocupando estar relacionado com **abelgirdican** (Solier, 1979, p. 82; Faria, 1990–1991, p. 82, 1994a, p. 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2006a, p. 116) ou até com o ND paleobasco/aquitano *Abel(l)io*, caso se venha um dia a comprovar, contra a opinião dominante (Gorrochategui, 1984, pp. 297–299, n.ºs 417–427; Delamarre, 2007, p. 9; Rodríguez & Sablayrolles, 2008, p. 207), que o mesmo não possui uma base celta.

Sabe-se de há muito que o segundo membro de TVRTVMELIS (TSall), o único *comparandum* que ocorreu a Panosa (2009, p. 183) para **abeli[---]**, configura uma adaptação latina de **beleś** (Schuchardt, 1909, p. 241; Albertos, 1966, p. 240; Criniti, 1970, p. 218).

Em relação a **abel**, não podemos deixar de notar que, em contraposição à tradicional etimologia latina unanimemente prescrita para o basco *abere* ‘animal’, ‘gado’, assente no lat. *habere* (DEV I, pp. 282–283), foi, em data recente, sugerido por Octavià Alexandre que “el vasco **abere** supone un pre-vasco \***abele**, como muestran la forma combinatoria **abel-** y las inscripciones aquitanas e ibéricas” < <http://es.groups.yahoo.com/group/Bardulia/message/6749> >.

**aidiceldungi.** Placa de chumbo (Montealegre del Castillo, Albacete). *MLH* III 2 G.15.1.

Trata-se de um NP ibérico composto por, pelo menos, dois elementos onomásticos: **aidu** e **ildun** (Faria, 1990–1991, pp. 77, 82, 1991a, p. 188, 2000a, p. 125, 2000b, p. 62). Acreditamos, no entanto, que também o morfema **-gi** é susceptível de fazer parte do presente NP (Faria, 2004a, pp. 275–276, 2007a, p. 163). Decorre desta nossa posição que **aidu-ice-(i)ldun-gi** conforma a segmentação aconselhável para **aidiceldungi**. Contrastando a ocorrência de **aidu** em diversos NNP ibéricos com a completa inexistência de \**aiti*, não há nada que justifique a segmentação de **aidiceldun(gi)** em **aiti-ce-(i)ldun(ci)** (*contra*, Ferrer, 2009, p. 458, n. 26; Ferrer & *alii*, 2009 [2010], p. 128).

**aiunadin.** Almofariz de cerâmica comum. La Caridad (Caminreal, Teruel). *MLH* IV, K.5.4.

Talvez valha a pena lembrar que praticamente tudo o que de acertado se escreveu sobre esta inscrição bilingue já constava do vol. IV dos *MLH*, incluindo a correspondência entre lat. *seruus* e ib. **abiner** (*MLH* IV, p. 650), que veio a merecer, um ano mais tarde, o nosso apoio implícito (Faria, 1998a, p. 128).

**aiunadin**, que apenas se regista na versão ibérica da marca de oleiro em questão, configura o *cognomen* do proprietário do escravo FL(*accus*), pelo que a identificação integral daquele não pode ser senão *Lucius Atilius Aiunadin* (*MLH* IV, p. 650; Faria, 1998a, p. 128). Consideramos completamente fora de questão a eventualidade, ponderada tanto por Orduña (2008, p. 282) como por Luján (*apud HEP* 9, 540, 2009, p. 706), de ATILI (gen.) constituir a latinização de **aiunadin-en**. Aliás, por coincidência, ambos os investigadores atribuíram indevidamente a autoria de tal despropósito a Rodríguez (2005, p. 54). Com efeito, se tivesse havido a intenção de criar um “nome de assonância” (Raepsaet-Charlier, 2005, pp. 229–230) inspirado em **aiunadin**, o amplo repertório de *nomina* latinos testemunhados em território hispânico permitiria o recurso a soluções gráfica e foneticamente mais próximas daquele: *Adius* (Abascal, 1994, p. 64), *Atinius* (Abascal, 1994, p. 87), *Attius* (Abascal, 1994, pp. 88–89), *Aunius* (Abascal, 1994, p. 64) ou mesmo *Iunius* (Abascal, 1994, pp. 163–166).

**angeibon.** Fundo de jarro de cerâmica. La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Saragoça). Díaz & Mínguez, 2009.

Díaz & Mínguez (2009, p. 442, n. 39) admitem com algumas reservas a possibilidade de **angeibon** constituir um NP ibérico, para o qual aventam **an-geibon** como segmentação. No caso de se tratar de um NP, à luz da comparação com os elementos onomásticos ibéricos até hoje atestados, em alternativa a **an-geibon**, importa equacionar a hipótese de ser **angei-bon** a segmentação apropriada. Como presumível paralelo para **angei**, poderemos invocar **angioniś** (**angi-oniś**) (*CNH* 355:1–4; Faria, 2005a, pp. 163–164, 2007b, p. 209) e, eventualmente, **angisa** < \***angi-(gi)sa** (H.9.1; Faria, 2005a, p. 163). Convém sublinhar, por outro lado, que os NNP que incluem **bon** na respectiva formação, em face da distribuição geográfica que apresentam, não garantem por completo a identificação deste último como componente onomástico ibérico. São eles **aibon** (H.2.1), ANDOXPONNI (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 142, n.º 45), BONBELEX (Gorrochategui, 1984, p. 169, n.º 93), BONCOXSI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, pp. 169–170, n.º 94), BONXVS (Gorrochategui, 1995 [1997], p. 213), CISSONBONNIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, pp. 186–187, n.º 138) e BONTAR (Gorrochategui, 1984, p. 174, n.º 103).

**BAILO.** Moedas. *Bailo* (Bolonía, Cádiz). *CNH* 124:1–6.

Continuamos a acreditar que este NL latinizado remete para o ibérico \**bai-(i)ldun* (Faria, 2000b, p. 61, 2002a, p. 126, 2006a, p. 118, 2007a, p. 166), pelo que este terá possuído inicialmente um

valor hidronímico. Conquanto reconheça erradamente a mesma origem linguística a *Obulco*, também Le Roux (2009a, p. 156) identifica *Baelo* como NL ibérico.

Não obstante, enquanto, para Bendala (2009, p. 38), *Baelo* é nome de ascendência púnica, Correa (2009a, pp. 275–276, 2009b, pp. 298, 301) declara que estamos perante um NL turdetano. Não deixa de ser significativo que nenhum destes investigadores julgou necessário fundamentar a respectiva postura, sendo certo, aliás, que os supracitados estudos redigidos por Correa vieram agravar a enorme decepção que a leitura de um outro artigo seu (Correa, 2008, *passim*) nos tinha causado (Faria, 2008a [2009a], pp. 72–73). O desapontamento que sentimos deriva, não dos equívocos que tais trabalhos veiculam (ninguém está livre de os cometer) — **?kaiilkos** por **tegiailcos**, **?kioniis** por **angioniis**, **?(n)tuakoi** por **an(n)duacui**, *Ast-igi* por *As-tigi*, ATTITA por ATITTA, *A-urgi* por *Aur-gi*, **bekoeki** por **becuegi**, ILDRONS por ILDRONIS, **iltikiaka** e **iltikirka** por **ildicira**, *Ilipula Laus* por ILIPV(*la*) HALOS, *Ilorci* por \**Ilurcira*, IRTHI por A(*ulus*) IRTHI(*us*), *Ist-urgi* por *Is-turgi*, **karsuribi** por **Cařsuritu**, MATITA por ATIITAN, **neseltuko** por **neselducu**, *On-igi* por *Oni-gi*, OPSI por M(*arcus*) OPS(*ius*), *Oss-igi* por *Ossi-gi*, **otatiis** por **odaciis**, SISIREM por SISIREN, SISQ(...) por SISIQ[V?], **tuiiboren** por **tuituiboren**, **uekoeki** por **uecuegi** e **urkailtu** por **urCailbi** —, mas da numerosa bibliografia que em ambos se omite sistematicamente — acerca de **angioniis**, **an(n)duacui**, *Astigi*, *Aurg*, **becuegi**, **ca(a)nginai**, **Cařsuritu**, CONIP, CONIPR, **geřtin**, **golon**, IGALGHIS, ILDRONIS, *Ilorci*, **iltukiiki**, *Ilubaria*, IRTHI(*us*), ISCER(...?), *Isturgi*, **labini**, *Lastigi*, *Maenuba*, *Maxilua*, *Mentesa*, *Murgi*, **neselducu**, **ocanaca**, **odaciis**, *Olontigi*, *Onigi*, OPS(*ilius*), *Ossigi*, SACAL(...?), **sicaai**, SISIQ[V?], SISVCVRHIL, *Sosintigi*, **řibibolai**, **tegiailcos**, **uecuegi**, **urCail**, **urCailbi** e VRHELA.

Voltando a *Bailo/Baelo*, tão-pouco poderemos acompanhar Bendala (2009, p. 42), quando, ao subscrever o parecer proferido por outros autores (Bonneville, Dardaine & Le Roux, 1988, pp. 37–38, n.º 14; Le Roux, 2000a, 163, n. 77, 2009b, p. 171), alvitrou *Municipium Claudium Baelo* como designação oficial da cidade, em detrimento de *Municipium Claudia Baelo*, interpretação caucionada pelo “Itinerário de Antonino” (Faria, 1998b, p. 259, 1998c, p. 271, 1999a, p. 31). Nunca será demais recordar que, tanto neste como noutros casos, não é obrigatória a concordância de género entre “*municipium*” e o nome da cidade detentora de tal estatuto (Galsterer-Kröll, 1972, p. 92; Faria, 1999a, p. 31); Canto *ad HEp* 7, 273).

■ BELESIAR. Cipo de calcário. Arredores de Fuerte del Rey (Jaén). Corzo & *alii*, 2007 [2008], pp. 253, 257; Orduña, 2009, p. 362.

Há que reconhecer todo o mérito a Orduña (2009, p. 362), que leu BELESIAR onde os *editores principes* (Corzo & *alii*, 2007 [2008], pp. 253, 257) leram BELESI-AR(*am*). Orduña, porém, já não esteve tão diligente na pesquisa dos paralelos para **iař** na antroponímia ibérica, ao aduzir tão-somente **isceriař** (G.15.1) e **lacereiař**, que não passa de um fragmento do NP trimembre **lacereiařtur** (C.1.5) (*MLH* III 1, p. 222; Faria, 2002a, p. 128, 2002b, p. 235, 2003a, p. 215, 2004a, p. 298, 2008a [2009a], p. 77). Faltou a Orduña invocar **eiařcidita[I]s** (Faria, 2002a, p. 128, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306, 2007a, p. 162), **iařiber** (*MLH* III 1, p. 222; Faria, 1990–1991, p. 85, 2002a, p. 128, 2008a [2009a], p. 77), IARBONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, pp. 226–227, n.º 228; Faria, 2002a, p. 128, 2008a [2009a], p. 77) e **řalbiriař** (Faria, 1990–1991, pp. 77, 80, 87, 1992–1993, p. 278, 1993a, p. 154, 2000a, p. 138, 2002a, pp. 128, 134, 2004a, p. 309, 2007a, p. 163, 2008a [2009a], p. 77), havendo que acrescentar a estes **barceiař** (Simón, 2008, p. 263, n. 24; Faria, 2008a [2009a], p. 77). Também o NL basco medieval *Iarnoz* (Orpustan, 1999, p. 270) provém de um NP formado por **iař** e pelo sufixo hipocorístico *-no* (Faria, 2002a, p. 128, 2008a [2009a], p. 77). Importa assinalar que, no tocante à busca de *comparanda* para **iař**, Orduña não se distanciou suficiente-

mente da desajeitada abordagem a este componente onomástico ibérico empreendida por Rodríguez (2002 [2003], p. 261) num trabalho cem vezes plagiário (Faria, 2004a, pp. 275–292), que, não obstante, além de ter merecido o aval de Javier de Hoz (2007, p. 36, n. 68), surge copiosamente citado por diversos estudiosos, como se de um trabalho honesto se tratasse.

**bilosium.** Placa de chumbo. Los Villares (Caudete de las Fuentes, Valência). *MLH III 2 F.17.2.*

A autoria da identificação deste NP, que, pesem embora as tentativas empreendidas por determinados autores (Rodríguez, 2002 [2003], pp. 259, 262; Moncunill, 2007, p. 196), não nos pode ser sonegada (Faria, 1997, p. 110, 2004a, p. 280, 2007a, p. 173), foi indevidamente conferida por Ferrer & *alii* (2009 [2010], p. 121) a Rodríguez (2002 [2003], p. 259).

Aliás, não deixa de ser curioso que Ferrer, o primeiro subscritor do artigo em questão, tenha redigido, ainda não há muitos anos, um texto em que demonstra sem margem para dúvidas a ilegitimidade de uma tal atribuição (Ferrer, 2006 [2008], p. 134).

**CASTLOSAIC.** Inscrição de pedra. **caástilo**/*Castulo* (Cazlona, Linares, Jaén). *MLH III 2 H.6.1.*

Recentemente, Correa (2009a, p. 281, n. 43) apresentou “Castulonense” como tradução de CASTLOSAIC, sem que considerasse necessário aludir ao facto de que já Hübner (1862, p. 33) havia chegado à mesma conclusão.

CASTLO-SA-I-C, a segmentação aventada por Correa, diverge de outras que foram publicadas nas últimas duas décadas: CASTLO-SA-IC (*MLH III 1*, p. 169, *MLH III 2*, p. 653; Orduña, 2006, p. 78), CASTLOSA-IC (Faria, 1991a, p. 189), CASTLO-S-AIC (Pérez, 1993, pp. 225–226, 2009 [2010], p. 36) e CASTLO-SAIC (Adams, 2003, p. 281).

Das cinco análises agora enunciadas, cremos que a formulada por Pérez é aquela que se aproxima mais da realidade. Esta nossa perspectiva resulta da circunstância de o sufixo *-s*, que sucede imediatamente ao NL CASTLO, constituir um morfema formador de gentílicos (Schuchardt, 1907, pp. 32–37; Pérez, 1993, pp. 225–226, 2009 [2010], p. 36; Faria, 2002b, p. 234, 2003b, p. 319, 2005a, p. 164, 2006a, p. 122), facto que se ajustaria ao entendimento de CASTLOSAIC como designação de *origo*. Em contrapartida, não poderemos seguir a restante segmentação outrora alvitada por Pérez (1993, pp. 225–226), ao relacionar -AIC com **ultiteger-aiga-s-e** e **argitigefáiga-s** (F.6.1); a ter existido algum tipo de correspondência entre as sequências de sufixos registadas em F.6.1 e H.6.1, seria expectável que, em vez de CASTLOSAIC, comparecesse \**Castlosaig* ou \**Castlosaiga*. Não menos implausível, dada a mistura de idiomas, nos parece o entendimento de *-aic* como abreviação do sufixo indo-europeu (celta) *-aikos/m* (Tovar, 1989, pp. 27, 175; Pérez, 2009 [2010], p. 36), até porque não faltaria espaço na lápide para a gravação das duas letras alegadamente em falta.

Seria, à primeira vista, tentador relacionar o sufixo *-ai* de CASTLOSAIC com o alegadamente idêntico morfema final da legenda monetária, que, até há alguns anos, vinha sendo transliterada de forma unânime como **belsecuai** (CNH 42:41A). É nossa convicção, no entanto, que o reconhecimento de uma tal analogia não teria razão de ser, porquanto **belsecuai** é transliteração que deve dar lugar a **belsecuYi** (Faria, 2004b, pp. 177–178, 2007a, p. 167).

Orduña, depois de ter secundado a supracitada segmentação propugnada por Untermann (Orduña, 2006, p. 78), passou a isolar o sufixo *-s* como marca de etnónimo em CASTLOSAIC (Orduña, 2008, pp. 286–287), mas conseguiu evitar qualquer referência ao indispensável estudo de Pérez (1993). Na perspectiva de Orduña (2008, pp. 286–287), estaríamos na presença do epítáfio de P CORNELIVS — mais precisamente CORNIILIVS, e não CORNILIVS (*HEpOL* 9435) — P L DIPHILVS, mencionado em nominativo, mandado gravar por um indivíduo chamado \**Castlosarí*, que figuraria na inscrição em ergativo, caso indicado pelo sufixo *-c*. No entanto, além

de estar por provar que o verbo elidido no final do texto fosse transitivo (tratando-se de uma inscrição funerária, o mais provável é que não o fosse), CASTLOSAIC é um termo que, tal como já viu Hübner (1862, p. 33), se reporta directamente à cidade de Cástulo, pelo que a interpretação apresentada por Orduña não pode deixar de merecer o nosso cepticismo.

Em resultado do exposto, aceitando a validade quer da segmentação de Orduña, quer da explicação por ele fornecida (Orduña, 2008, p. 287) para o emprego de *-ai* como variante de *-ar* antes de consoante, mais facilmente se compreenderia que *\*Castlosárc* designasse o conjunto dos cidadãos de Cástulo, havendo que reconhecer no sufixo *-c*, não uma marca de ergativo, mas um morfema pluralizador (Schuchardt, 1907, pp. 37–39; Pérez, 1993, pp. 227–228). *\*Castlo-s-ár* ‘castulonense’ (sem marca de número) encontraria assim um paralelo em **bilbili-ar-s** ‘bilbilitano’ (Pérez, 1993, pp. 227–228, 2004, p. 161, 2009 [2010], pp. 36, 45–46; De Hoz, 2001, p. 357, n. 67; Faria, 2002b, p. 234, 2005a, p. 165; outra exegese para **bilbilians**: Faria, 2003b, p. 319). Contudo, talvez por razões de ordem fonotáctica — Quintanilla (1998, pp. 131–146) não documentou uma só vez, em escrita ibérica, o grupo vocálico em hiato <oa> —, no caso em apreço, a sequência de sufixos terá sido alterada, com *\*Castlosár* a ocupar o posto de *\*Castloárs*.

Importa, porém, ter em atenção que, além de as considerações acima expendidas contendem com o universal linguístico n.º 39 estabelecido por Greenberg (1963/1990, p. 59), não foi há muito tempo que, com as devidas ressalvas, propusemos a identificação de um processo de formação de gentílicos ibéricos dificilmente compatível com o que acabámos de descrever (Faria, 2007a, pp. 169–170).

**deitatar**. Fundo de jarro de cerâmica. La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Saragoça). Díaz & Mínguez, 2009.

Dada a configuração do silabograma inicial, não cremos que possam subsistir grandes incertezas sobre a transliteração do presente NP, a despeito de Díaz & Mínguez (2009, pp. 439–441), escorados exclusivamente na invocação de TEITABAS (BB II), terem optado por **teitatar**.

Seja como for, não vemos razão para alterar a nossa perspectiva tendente a considerar TEITABAS como um NP híbrido (Faria, 2008b [2009b], p. 153). Todavia, a repetição do ditongo <ei>, agora em caracteres ibéricos, faz-nos duvidar da interpretação de TEITABAS como variante arcaizante de *\*Titabas* (Faria, 2008b [2009b], p. 153).

Desconhecemos qual das grafias — **deita-** e TEITA- — reflecte mais fielmente o radical subjacente a ambas; de qualquer modo, caso TEITA- não apresente uma grafia etimológica e constitua uma versão assimilada de **deita-**, cremos que é lícito indicar *\*dext-* (Prósper, 2005, p. 305) como radical, antes da vocalização da oclusiva velar, do primeiro membro dos compostos em questão. Na eventualidade de ser TEITA- a forma primitiva, a respectiva origem deverá ser encontrada em *\*text-* (Prósper, 2005, pp. 297–298).

Quanto a **tar**, componente ibérico do NP em apreço, Díaz & Mínguez (2009, p. 441) terão descortinado “abundantes exemplos” do mesmo, mas não se deram ao trabalho de os mencionar. Aliás, não vemos como poderiam os autores da *editio princeps* comprovar a abundância de *comparranda*, uma vez que os dados recolhidos por Ferrer (2005 [2006], p. 966, n. 46) apontam para não mais do que quatro casos inequívocos: **afscotar**, **belestar**, **biurtar** e **selgitar**.

ESDOPE[...]. Placa de mármore negro. *Tocolosida* (Bled Takourart, Marrocos). Euzennat, 1989, pp. 295, 296, fig. 212, n.º 9.

Este *cognomen*, pertencente a um tal ATT(*ius*), foi restituído como ESDOPELES por Euzennat (1989, p. 295) com base no cotejo com ESTOPELES, nome de um dos quatro cavaleiros proce-

dentes de **salduie** (Criniti, 1970, p. 213), cidade cujo nome deu origem à *Turma Salluitana*. Não há, todavia, quaisquer garantias de que ESDOPELES constitua a restituição correcta, apesar de a mesma ter sido acolhida sem reservas por alguns especialistas (Speidel, 1992, pp. 406, 407, 2004, *passim*; Bernard & Christol, 2009, pp. 195, 196), que não atenderam às legítimas dúvidas formuladas pelo próprio Euzennat (1989, p. 295) com base na presumível paginação do texto.

No pressuposto de que estamos perante um NP ibérico, podemos aceitar com alguma segurança que ESTO- e ESDO- correspondem a um só segmento onomástico, sendo praticamente certo que, ao invés do que sustentava Untermann (1996a, p. 182, n. 46), não há que ver este mesmo componente no gentílico SOSINESTANI (BB II) < \**Sosin-esto* (Faria, 2000a, p. 139). Cremos que tal gentílico deverá remeter para \**Sosines*, \**Sosineś* (Faria, 2000, p. 139) ou, com maior grau de probabilidade, para \**sosine*, se atentarmos no provável paralelo *Bergistani* < *Bergium* (Berga), já identificado por Schuchardt (1907, p. 36). Presumivelmente, deparamo-nos com idêntico fenómeno em *Egelestani* < \**Ig(a)le* (Gómez-Moreno, 1949, p. 185; Beltrán Villagrasa, 1954, p. 24; Schmoll, 1959, p. 62; Faria, 1991b, p. 15, 1992a, p. 45, 1995a, p. 325, 2002b, p. 234, 2003a, p. 220, 2003b, pp. 313–314, 2005a, p. 164). Se outras razões não fossem invocáveis, a hipótese formulada por De Hoz (2002, p. 213) no sentido de reconstruir um NL \**Ikalena*/\**Ikalene*/\**Ikaleni* com base em **ig(a)lenscen** perde toda a sua validade ao verificarmos que *Egelesta*, NL antecessor de Iniesta (Cuenca) (Cortés, 1836, p. 434), se formou por derivação regressiva a partir de *Egelestani* (Quesada & García-Bellido, 1995, p. 67). É nossa convicção que a sibilante presente em *Egelestani* faz parte do gentílico ibérico **igales**, tendo sido inadvertidamente transposta quer para o gentílico latino, quer, num segundo momento, para o NL dele derivado.

Retomando a abordagem a ESDOPE[...], nada parece contrariar a eventualidade de tal NP, sempre supondo-o de origem ibérica, poder ser completado de qualquer dos seguintes modos: \**Esdopedan*, \**Esdopel*, \**Esdopelaur*, \**Esdopels*, \**Esdopelser*, \**Esdoper(i)* ou \**Esdopeś*.

A atribuição do significado ‘asno’ ao presumível lexema *esto*, preconizada por Pérez (2007, p. 106) e agora por Silgo (2009 [2010], p. 147, no prelo), carece, a nosso ver, de fundamentação que a sustente, até porque ESTO- deverá constituir a evolução expectável de ESDO-, mediante o ensurdecimento da oclusiva dental sonora após sibilante.

O dito significado deverá circunscrever-se a *asto*, lexema participante do ND ASTOILVNNO (dat.) (Gorrochategui, 1984, pp. 309–310, n.º 462), por sua vez derivado (por assimilação regressiva da vibrante) de *arsto* (Gavel, 1921, pp. 201, n.1, 283, n. 2; Michelena, 1997<sup>s</sup>, p. 60, n.º 104). Caso **aśs**, base dos NNL **aśsgoro** (F.11.25) e **aśsdaildir** (Silgo & Tolosa, 2000, p. 41), bem como do NL **aśse** (Faria, 2007a, p. 165), tenha sido originariamente a forma não-marcada equivalente a ‘asno’ (Silgo, no prelo), ou, em termos genéricos, a ‘cavalos’, estaria talvez encontrada a explicação para a representação como “type parlant” de uma cabeça de equídeo, gravada em escassos divisores de prata produzidos na ceca com este último nome, independentemente da influência que possa ter sido exercida no plano tipológico pela ceca de *Taras* (Llorens & Ripollès, 2002, pp. 83–84). Nada impediria, inclusive, que **aśs** partilhasse com **saldu** o mesmo significado — ‘cavalos’ —, num paralelismo (aproximado) com o gaulês — *epos* ~ *mandus* ~ *marcos* (DLG, pp. 163–164, 215, 217) — ou com o basco — *zaldi* ~ *zamari* ~ *behor* (Trask, 1997, p. 300) —, cabendo a **aśsco** e a *arsto* (\**aśsto*) a restrição semântica, através do uso de sufixo(s) diminutivo(s), do conceito de ‘asno’, literalmente ‘cavalinho’.

Se a filiação ibérica de ESDOPE[...], vier a ser confirmada, pode ser descartada sem quaisquer problemas a *origo*, gravada nas 5.ª e 6.ª linhas da mesma inscrição, que Speidel (2002, p. 407, 2004, pp. 130, 131) preceituou para o dito cavaleiro: N[ATIONE LV]CE(n)SIS. Será sempre preferível optar por um gentílico reportável à área linguística ibérica, que se encontra bem afastada do NO peninsular, onde se situava *Lucus* (*Augusti*). Neste sentido, em vez de N[ATIONE LV]CE(n)SIS, pro-

pomos quatro alternativas, por ordem decrescente de verosimilhança: N[AT(IONE AV)]CE(n)SIS < \**Auca* (Irigoién, 1985, p. 1010; Peterson, 2009, pp. 56, n. 2, 57), N[AT(ione) TARRA]CE(n)SIS < *Tarracenses* (Plin. nat. 3.24), N[AT(ione) ARSA]CE(n)SIS < **ařsacos** (CNH 256:1–5) ou N[AT(ione) ENNE]CE(n)SIS (TSall).

Creemos que se justifica a identificação do gentílico em questão com o que figura igualmente truncado, se bem que no plural, no Bronze de Ascoli: [A]Y[CENSES]. A leitura ]L[CENSES, adoptada por diversos epigrafistas, entre os quais Criniti (1970, pp. 22, n. 45, 196–197), parece-nos menos crível, dada a posição ligeiramente oblíqua que apresentam as extremidades superiores (as únicas visíveis) das duas barras verticais subsequentes à secção amputada. [A]Y[CENSES constitui uma das duas restituições contempladas por Gómez-Moreno (1949, p. 247), sendo a outra [A]Y[SENSES. Assinale-se que, para Peterson (2009, p. 56, n. 2), *Auca* [*Auka*] terá sido “una *civitas* romana de cierta importancia, aunque extrañamente ausente de las fuentes literarias”.

**eřcubars**. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Solier & Barbouteau, 1988, p. 91.

Num dos nossos primeiros artigos sobre onomástica (Faria, 1990–1991, p. 85), que Díaz & Mínguez (2009, p. 442, n. 36) se abstiveram de mencionar, chegámos a interpretar **escubars** (por **eřcubars**) como um NP ibérico, posição que viemos a abandonar nos trabalhos seguintes, sobretudo em razão da ausência de quaisquer paralelos para ambos os componentes: **eřcu** e **bars**.

Admitimos agora, todavia, que, no pressuposto de que estamos ante um NP ibérico, é possível associar **eřcu** ao segundo membro de **anieřcor** (K.1.3; Faria, 2002a, p. 124, 2004a, p. 294). Também ESCOSSVS (*HEp* 5, 422; Vallejo, 2005, p. 565), NP cuja leitura carece de confirmação (a lápide que supostamente o atesta encontra-se desaparecida), poderá constituir um paralelo ibérico para **eřcu**, na eventualidade de tal grafia representar \**eřcor-su* ou \**eřcor-su*. Ainda no âmbito da onomástica ibérica, não pode, tão-pouco, ser liminarmente descartada uma relação com o basco *esku* ‘mão’ (Michelena, 1977<sup>2</sup>, p. 149). Também se afigura procedente a hipótese de ESCOSSVS pertencer à antroponímia celta, no que não divergiria excessivamente de ESCVS e de ESCA (Palomar, 1957, p. 73; Albertos, 1966, p. 116), relacionáveis, por sua vez, com **escutino** (gen.) (Untermann, 1996b, p. 137), presumível NP composto.

No que ao segmento **(Y?)bars** diz respeito, torna-se mais fácil detectar *comparanda* no repertório de origem celta — *maro-* (Delamarre, 2007, p. 226) e *bar(r)o-* (Delamarre, 2007, p. 212) — do que de extracção ibérica — **uCal-Ce-bars** (F.20.1) (Faria, 1991a, p. 190) e **Ybar** (Silgo, 1994, p. 257).

**eřc-ubar**, a segmentação advogada por Untermann (1996c, p. 96) e por Orduña (2006, p. 447), não nos parece procedente, dada a terminação em oclusiva do suposto elemento inicial.

**ibeisurř**. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Solier, 1979, pp. 66, 84, 85, 89.

Ferrer & *alii* (2009) [2010] revelaram não pouca inexactidão ao atribuírem a Untermann (*MLH* III 1, p. 222) e a Rodríguez (2002 [2003], p. 261) algo de que dificilmente iremos abrir mão: a autoria, de bom grado partilhada com Silgo (1994, p. 172, 2000a, p. 506), da identificação do formante onomástico **ibei**, que lográmos identificar em **ibeisurř** (Solier, 1979, pp. 66, 84, 85, 89) e em **ibeitice** (C.4.1) (Faria, 1994a, pp. 67, 71, 1995a, pp. 326–327, 2000b, p. 63). Não cremos que assista qualquer legitimidade aos autores que vêm transmutando **ibei** em **ibeis** (*MLH* III 1, p. 222; Correa, 1994, p. 276) ou em **ibeř** (Rodríguez, 2002 [2003], p. 261, 2005, p. 33).

\**Ilubaria* < ILVBARIENSIA. Ara funerária. *Mentesa Bastitanorum* (La Guardia, Jaén). *CIL* II<sup>2</sup>/5, 11.

A comparação com os NNE ILLVERSENSIS (TSall) / ILVRSENSES (Plin. nat. 3.24) < \**ildu-berša*/\**ildu-belse* e ILORCITANI (Plin. nat. 3.25) < \**ildurci* < \**ild(u)urci* < **urcescen** < \**urci* (Faria,

1995a, pp. 324–325, 2000a, p. 134) faz-nos crer que a *origo* de B[A]EBIA FAVSTIANA (na leitura de Alicia Canto *ad HEp* 2, 431) deverá ser *Baria* (Villaricos, Almeria) (*TIR* J-30, pp. 104–105). Talvez não seja por acaso que *Baria* surge nas fontes quase sempre associada aos termos *oppidum* e *πόλις* (*TIR* J-30, pp. 104–105), presumíveis traduções (latina e grega, respectivamente) de *ib. ildun/ildur/ildir*. Como é evidente, esta teoria, apresentada pela primeira vez há cerca de cinco anos (Faria, 2006a, p. 120), não é minimamente posta em causa pela circunstância de o gentílico ILVBARIENSIA (*CIL* II<sup>2</sup>/5, 11) ter sido objecto de correcção para ILVBARIENSIS (Canto *ad HEp* 15, 237) (muito embora o A gravado após o S recém-descoberto não tenha sido rasurado). Seja como for, cumpramos referir que a nossa proposta de identificação toponímica recebeu recentemente o apoio de Luján (*ad HEp* 15, 237).

Em face do exposto, foi com grande surpresa que acabámos de constatar que Untermann (2010, p. 343) veio reivindicar para si a autoria de tal dedução. É oportuno questionarmo-nos: o que levará alguém possuidor de uma impressionante craveira académica e científica a lançar mão de estratégias tão pouco edificantes?

IMP(eratoria) SAL(AC)(ia). Moedas. Alcácer do Sal. APRH 51A–51B.

Antes de mais, tal como sucede com *Imperatoria*, não existe qualquer motivo que justifique a presença do NL *Salacia* num artigo dedicado à onomástica paleo-hispânica. De facto, *Salacia* não era mais do que o nome da divindade marinha latina paredra de Neptuno. Este ND, precedido do qualificativo *Imperatoria*, foi adoptado, em meados do século I a.C., como nome da actual cidade de Alcácer do Sal (e não “Alcacér do Sal”: De Bernardo Stempel & Gambari, 2010, p. 143).

A razão de ser do presente verbete radica justamente na necessidade de voltarmos a questionar a atribuição do NL *Salacia* à onomástica celta, ainda agora reiterada no já citado estudo elaborado por De Bernardo Stempel & Gambari (2010, pp. 142–145). Estes autores não consagram uma só linha ao provável contexto histórico em que terá ocorrido a fundação de *Imperatoria Salacia* — e não *Salacia urbs imperatoria* (Canfora, 2010, p. 132, n. 180) — no povoado antes conhecido por \**Beuipo* (Faria, 2009 [2010], *passim*). De resto, este último NL, de ascendência turdetana, surge no mesmo trabalho, sem qualquer suporte documental ou bibliográfico que o justifique, erradamente preterido em favor de *Keition*, ao qual é conferida uma sugestiva matriz fenícia (De Bernardo Stempel & Gambari, 2010, pp. 143–144).

Não menos desventurado esteve Novillo (2009, p. 135), que, anos depois de Pérez (2006, pp. 21, 22) ter procedido do mesmo modo, ressuscitou o pretense NL *Ketovion*; fê-lo a propósito de numismas que documentariam a alegada conquista, por nós refutada em mais de uma ocasião (ultimamente, Faria, 2006b, pp. 224–225), de diversas cidades por parte de Sexto Pompeio; além de “*Ketovion*”, estariam incluídas neste grupo *Vrso*, *Murtili*, *Baelo*, *Baesuri*, *Nabrissa* e *Ilurco*.

Na verdade, todos os indícios deixam entrever que terá sido Sexto Pompeio o responsável quer pela fundação de *Imperatoria Salacia* (Faria, 2009 [2010], *passim*), quer pela alteração toponímica decorrente daquele acto. Em contraste com a nossa perspectiva, Canfora (2010, p. 264, n. 395) crê que “*Salacia*, «*urbs imperatoria*» (Plínio) è *fondazione forse cesariana*, che assume quel rango e quel titolo con Domiziano”. Que quererá dizer Canfora ao mencionar o estatuto de “*urbs*”? E qual o papel de Domiciano em tudo isto? Será que a *damnatio memoriae* que recaiu sobre o filho mais novo de Vespasiano também abrangeu a putativa relação que este terá estabelecido com *Imperatoria Salacia*? É bem sabido que a concessão do estatuto municipal a *Salacia* ocorreu seguramente antes de meados do século I d.C. (Faria, 2006b, pp. 229–230), pelo que o parecer expresso por Canfora, análogo ao que foi exarado por Ortiz de Urbina (2000, p. 97), carece de fundamento.

M C F. Moedas. *Castulo* (Cazlona, Linares, Jaén). CNH 339:70, 71.

Nada temos a acrescentar ao que escrevemos acerca destas três iniciais, que, do nosso ponto de vista, abreviam a identificação de um magistrado (Faria, 2007b, pp. 221–222): M(*arcus*) C(...) F(*ilius*).

Não valerá a pena gastar muito tempo a criticar a interpretação de M C F como M(*unicipium*) C(*astulonenses*) F(*orum*), M(*unicipium*) C(*aesarii*) F(*orum*) ou M(...) C(...) F(*orum*) (Mozas, 2009, p. 288). Não menos inviável é a cronologia que Mozas (2009, p. 287) propõe para a presente emissão: o principado de Augusto. Intimamente relacionada com estes dois dislates está a atribuição a *Forum Iulium Iliturgi* (Mozas, 2009, pp. 288–289) dos referidos numismas castulonenses, aos quais, dadas as afinidades estilísticas, cumpre juntar o tipo CNH 338:59 (Faria, 2007b, p. 221). Este novo trabalho de Mozas, ora resumidamente comentado, é revelador de indisfarçáveis lacunas (não só de ordem bibliográfica), circunstância que o deixa muito aquém do elevado nível atingido pela generalidade dos estudos de Numismática da Antiguidade produzidos em Espanha nas últimas décadas. Infelizmente, trata-se de um estudo que não destoa muito de um outro que a mesma autora dedicou à ceca de **ildicira** (Faria, 1991a, p. 192, 1991b, p. 16, 1995b, p. 82, 1997, p. 108, 2001a, pp. 100–101, 2003a, pp. 220–222, 2003b, p. 324, 2004b, p. 180, 2005a, p. 169, 2007a, pp. 171–172, 2007b, p. 217, 2008a [2009a], pp. 77–78), por ela denominada **iltiraka** (*sic*), a vetusta e desacreditada transliteração engendrada por Schmoll (1956, pp. 306, 310, 1960, pp. 49, 50, 51), que continua a gozar de grande aceitação (aos textos que citámos noutros momentos cabe agora adicionar Ballester, 2009, p. 32; Ruiz & Molinos, 2009, pp. 145, 153; Rueda, 2009, p. 245). Por sua vez, Untermann, depois ter começado por **iltiraka** (1975), passou sucessivamente por **ilteraka** (1995), **iltiterka/iltitera** (1996) e **iltirtera/iltirkira** (1998) (Faria, 2007b, p. 217), para regressar a **iltiterka** (Untermann, 2010, p. 345). Enfim, um percurso variegado, sendo que nenhuma das etapas por que Untermann passou nos parece aceitável. Convirá assinalar, em contrapartida, que a constância nem sempre é boa conselheira; sirvam de exemplo as seguintes transliterações, qual delas a mais obsoleta, reunidas numa mesma página: **otatiis**, **situbolai** e **urkailtu** (Untermann, 2010, p. 341).

**ocelacom**. Moedas. \**Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). CNH 289:1–2.

Não há dúvida de que se vêm multiplicando os casos de “amnésia” no que toca a reconhecer quem, pela primeira vez, leu correctamente a presente legenda monetária, que, até 2003, se transliterava como **ocalacom** (Faria, 2003a, pp. 224–225), e quem, também pela primeira vez, identificou \**Ocela* com *Hocilis/Ocilis*, formação toponímica que, como muitas outras, surge corrompida no relato de Apiano de Alexandria (*Hisp.* 47, 48) (Faria, 2003a, pp. 224–225). Nos últimos tempos, coube a Wodtko (2009, p. 29) e a Untermann (2009, p. 190) darem mostras de tão deselegante “esquecimento”. Untermann (2009, p. 190, n. 26) chegou mesmo a chamar a si a transliteração **ocelacom**, ao limitar-se a reencaminhar os seus leitores para “MLH A.85”.

A despeito de tudo o que foi escrito nos últimos anos (Faria, 2008a [2009a], p. 80, com bibliografia anterior) sobre a transliteração da legenda monetária em causa, ainda hoje é possível depararmo-nos com afirmações como a que a seguir se transcreve:

Fita y Quintero anotaron que el apelativo *Oculensis* concuerda con las formas medievales con las que se designaba a la actual Uclés, y acaso por este nombre pueda relacionarse con el celtibérico *O.ka.La.Co.m* [*sic*] u *O.cu.La.Cu.m* [*sic*] (González & Marco, 2009, p. 68).

Independentemente da (escassa) fidedignidade das transliterações citadas, cremos ter demonstrado há alguns anos que *Oculensis* e **ocelacom** procedem de étimos (e idiomas) distintos (Faria, 2003a, pp. 224–225).

ORDVMELES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I<sup>2</sup> 709.

Ao invés do que se poderia pensar, ainda vai sendo oportuno recordarmos o seguinte: o primeiro elemento deste NP ibérico é **ordin**, e não **ordun**. Aos trabalhos, por nós coligidos há poucos anos (Faria, 2005b, p. 283, 2007a, p. 174), cujos autores se mostraram persuadidos da existência de **ordun** enquanto segmento onomástico ibérico podemos agora juntar mais alguns (Albertos, 1966, pp. 263, 266; Aquilué & Velaza, 1993, p. 19; Untermann, 1998, p. 79; Ballester, 2009, p. 37; Becker, 2009, p. 268).

Tão-pouco será de aceitar que o primeiro membro de ORDVMELES equivalha ao celta *ordo-/ordu-* ‘martelo’, tal como advogaram Albertos (1961, p. 84, 1966, p. 173), Criniti (1970, p. 225), Vallejo (2005 [2006], p. 107) e Delamarre (2007, p. 146); de outro modo, deparar-nos-íamos com \**Ordubeles* no lugar de ORDVMELES.

Assim sendo, a alternância gráfica <i>/<u> observada em ORDVMELES, que reflecte a neutralização da oposição fonológica entre as vogais breves /i/ ~ /u/ antes de consoante labial, configura um fenómeno alheio às línguas peninsulares, sendo própria do latim arcaico (Siles, 1981, pp. 93–95, 1986, p. 23). Se, dada a assimilação vocálica, estas condições não se cumprem no par CORNICVLO/CORNVCVLO (Siles, 1986, p. 23), importa reconhecer que tão-pouco é este o caso de OR[D]VNETSI (dat.), NP (na função de *cognomen*) que mereceu a nossa atenção noutras ocasiões (Faria, 2002b, p. 237, 2005b, p. 283). A não ser que se trate de uma formação analógica por influxo de ORDVMELES ou de outros NNP ibéricos latinizados compostos por **ordin** e por um segundo membro iniciado por oclusiva labial (**bilos** etc.), importa equacionar a legitimidade de outras interpretações, baseadas no reconhecimento de um primeiro elemento de origem celta, seja ele *ord-* (Delamarre, 2007, p. 228) — OR[D]VNETSI — ou *ortu-* (Delamarre, 2007, p. 229) — OR[T]VNETSI. Seria bem menos provável, dadas as evidentes discrepâncias relativamente a *orco-* (Delamarre, 2007, p. 228) e a *org-* (Delamarre, 2007, p. 229), que a restituição correcta do presente NP correspondesse a OR[C]VNETSI ou a OR[G]VNETSI.

**rucabedi**. *Dolia. Ruscino* (Château-Roussillon, Perpilhão). *MLH* II B.8.20; Ferrer, 2009, pp. 88–90.

A transliteração aqui perfilhada assenta na interpretação do semicírculo colocado no centro da marca de oleiro em análise como grafema, se bem que dotado de um valor fonético distinto daquele que lhe foi reconhecido por Ferrer (2009, pp. 88–90).

Efectivamente, ao invés do que estimámos há algum tempo (Faria, 2008a [2009a], p. 67), a transliteração fornecida por Ferrer (2009, pp. 88, 90) — **biurbedi** — não nos parece, de modo algum, sustentável, atendendo às formas apresentadas pelo primeiro e pelo terceiro grafemas, na suposição de que o presente NP é composto por cinco, e não por quatro signos (v. *infra*). Sucede que o presumível signo central da marca de oleiro, uma variante ovalada, dotada de um pequeno traço no pólo inferior, do círculo perfeito que caracteriza <r> 8 (*MLH* III 1, p. 246, Tabelle 2), não guarda nenhuma semelhança com qualquer <bi> registado na epigrafia ibérica levantina — ao contrário de que declara Ferrer (2008 [2009], p. 88), nada tem em comum com <bi> 6 (*MLH* III 1, p. 246, Tabelle 2). O mesmo se verifica, de resto, com o pretenso <r>, que mais não é do que um <ca> (*contra*, Ferrer, 2008 [2009], p. 88), equivalente a <ka> 3 de Untermann (*MLH* III 1, p. 246, Tabelle 2). Aliás, tanto o <r> como o <ca> gravados em **rucabedi** já haviam sido devidamente identificados por Lafon (1965, p. 4), ainda que nenhum proveito pudesse ser extraído da transliteração da totalidade do selo por ele alvitrada.

A única exegese ajustada que vislumbramos para **rucabedi** consiste em encará-lo como um NP celta, \**Ruc(c)amedis* ou \**Ruc(c)amedios*, a juntar a outros que, com a mesma procedência lin-

guística, se documentam em escrita ibérica levantina (Untermann, 1969, p. 109; Correa, 1993, *passim*; Luján, 2003, *passim*; Faria, 2008a [2009a], pp. 83–85). Haverá, contudo, algumas exceções a esta regra, já que algumas legendas monetárias de **ipolca/Obulco**, gravadas no semi-silabário meridional, documentam diversos NNP que, além de poderem admitir outras atribuições linguísticas (de que nos fizemos eco em trabalhos anteriores), são susceptíveis de ser enquadrados na antroponímia celta, designadamente **bodilcoś** (Albertos, 1966, p. 57; Prósper, 2005, p. 261), **canginai** (Faria, 2008a [2009a], p. 75) e **tegiailcoś** (Prósper, 2005, p. 262). A inclusão de **Caśsuritu**, que temos indiscutivelmente por ibérico (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991a, p. 190, 1991b, pp. 17–18, 2001a, p. 99, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 42–43, n.º 112, 1994c, p. 123, 1995a, p. 326, 1995b, pp. 80, 81, 1996, p. 158, 1997, p. 106, 1998c, p. 249, 1998d, p. 236, 1998e, p. 230, 2000a, pp. 122, 130, 2001a, p. 99, 2002a, p. 127, 2002b, p. 240, 2003a, pp. 213, 215, 2004a, p. 305, 2005a, p. 167, 2007b, p. 214), na onomástica celta (Prósper, 2005, p. 203) não nos convence. Continuando ainda a usar da máxima prudência, a estes três NNP poderemos porventura acrescentar um quarto, **śibibolai** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990–1991, p. 74, 1991a, pp. 191–192, 1991b, p. 17, 1992a, p. 44, 1993a, pp. 152–155, 1993b, p. 139, 1994b, p. 53, n.º 344, 1995b, p. 85, 1996, p. 172, 1999b, p. 156, 2000a, pp. 138–139, 2001b, p. 207, 2003a, pp. 226–227, 2004a, p. 292, 2005a, p. 171), caso haja que identificar nesta transliteração um NP celta, *\*Simimolaios*, *\*Sibimolaios*, composto por *sibi-* (Delamarre, 2007, p. 168), segmento reconhecível em SIBITTA (Faria, 2002b, p. 239), ou por *simi-* (Delamarre, 2007, pp. 168, 232) e por *\*molaios*, que ocorre como segundo elemento no NP hispano-celta ATIMOLAIQVS (Vallejo, 2005 [2006], p. 112; Delamarre, 2007, p. 30). Por outro lado, na presunção de que é *\*bolaios* o segmento que subjaz a **bolai**, não poderá ser excluído um parentesco entre aquele e o segundo componente do NP NAMTIBOLI (gen.) (Raybould & Sims-Williams, 2009, p. 29 e n. 133). Em todo o caso, não podemos deixar de reiterar a afinidade que detectámos entre **bolai** e os NNL *\*Boletum*/*\*Boleta* < *\*bole* e *Osca* < (*\*olśce* <) *\*bolśce* < *\*boleśce* — formados a partir da mesma raiz (*\*bol*) (Faria, 2003a, p. 219, 2005b, p. 276, 2008a [2009a], p. 69). É triste verificar que a bibliografia anteriormente citada sobre os ditos NNL não chegou a ser mencionada nem por Gorrochategui (2010, p. 402) nem por Untermann (2010, p. 336).

Ainda no campo da epigrafia monetária meridional, também **TuiTuiboren** (CNH 346:36–37) e **TuiTubolai** (CNH 343:11–14) são passíveis de constituir NNP celtas, se o componente inicial de ambos for o mesmo que surge em **tueiðu** e **tueiðunos** (K.1.3) (Untermann, 1996b, p. 160; Prósper, 2005, p. 274; Faria, 2008a [2009a], p. 57). Não menos legítimo parece ser o cotejo com DVITIQ(*um*) (González, 1986, p. 156, n.º 114), NF invocado por Untermann (1996b, p. 160) como *comparandum* para os dois NNP documentados em K.1.3. Avançando sempre com as maiores cautelas, impostas pelas debilidades que afectam grande parte das analogias estabelecidas na presente entrada, importa assinalar que o elemento final de **TuiTuiboren**, apesar de iberizado, é analogamente passível de se enquadrar na onomástica celta, já que tanto pode estar por *\*borenos*/*\*borinos* (Delamarre, 2007, pp. 46, 213) como por *\*morenos* < *\*morinos* (Albertos, 1966, p. 160; Delamarre, 2007, pp. 136, 227).

Voltemos, porém, a abordar o NP **rucabedi** com vista a assinalar, pisando terrenos algo mais seguros, que *Ruccatanus* (Delamarre, *DLG*, p. 263, 2007, pp. 156, 230), *Docimedis* (Delamarre, 2007, p. 87) e *Ratumedia* (Delamarre, 2007, p. 152) são alguns dos paralelos que podemos apontar para *ruc(c)a-*, *-medis* e *-medios*, respectivamente.

Escusado será dizer que a objecção suscitada por Ferrer (2008 [2009], p. 88) no sentido de que “una vibrant no sembla la millor opció com a primer signe” só seria válida se estivéssemos a lidar com um NP ibérico, pressuposto que, tal como acabámos de ver, não parece confirmar-se.

Uma segunda hipótese de leitura, **ucabedi** (*MLH* II, p. 368; Correa, 1992, p. 265, n. 42; Rodríguez, 2002 [2003], p. 258), que radica na interpretação do presumível grafema inicial como ele-

mento decorativo, conquanto menos plausível, não pode ser totalmente abandonada. No âmbito da antroponímia ibérica, poderíamos aduzir em abono desta transliteração o testemunho de **uCal(Ce)bars** (F.20.1) (Faria, 1991a, p. 190), se não se desse o caso de não nos ocorrer qualquer explicação para a exclusão da consoante lateral em **ucabedi**. Ainda aceitando a bondade desta transliteração, se bem que o confronto com o basco *uko* ‘antebraço/cotovelo’ (Trask, 2008, p. 355) não possa ser afastado de todo, assumiria uma maior verosimilhança a pertença do NP objecto desta entrada à antroponímia gaulesa (e.g., *\*Ucamedis/\*Ucamedios*), de preferência à sua aceitação como NP ibérico. Nesta conformidade, deverá ser ponderada uma comparação com VCATI (gen.), nome de um fabricante de *terra sigillata*, igualmente atestado sob a forma abreviada VCA (Delamarre, 2007, p. 191). Também VCABBAE (dat.) e VCALO, NNP documentados respectivamente em Tronco (Chaves, Vila Real) e em *Segouia* (Segóvia) (Vallejo, 2005, p. 480), poderão ser equacionados como *comparanda* celtas (ou, em todo o caso, indo-europeus) para **ucabedi**.

Seja qual for a transliteração correcta (conquanto propendamos por agora para **rucabedi**), é com inteira segurança que podemos definitivamente pôr de parte tudo o que seja parecido com **artibotibekau** (Gorgues, 2010, p. 162, n. 489).

**SALPA** (abl.). Moedas. *Colonia Victrix Iulia Lepida* (Gelsa, Velilla de Ebro). *APRH* 264.

Em contraste com a perspectiva que temos defendido nas últimas décadas, **SALPA**, *cognomen* de um tal *Publius*, acaba de ser tomado como a transposição para a antroponímia, no nominativo, do conhecido ictiónimo de origem latina (*APRH*, p. 319; Rodríguez, 2007 [2008], p. 105). Seria, porém, quanto a nós, demasiada coincidência que este *hapax* nada tivesse que ver com a onomástica ibérica, pelo que, nesta oportunidade, insistimos em considerá-lo ablativo de um *cognomen* detentor daquela origem linguística, *\*salbas* ou, com menor grau de probabilidade, *\*šalbas* (Faria, 1994a, p. 70, 1994b, p. 53, n.º 328, 1995a, p. 328, 1996, p. 171, 2000a, p. 138, 2000b, p. 64, 2002a, p. 129, 2002b, p. 238). Se assim for, *Salpa* terá forçosamente de dar lugar a *\*Salpas*. No entanto, estamos, em último caso, na disposição de admitir que *Salpa* configurará em nominativo um “nome de assonância” (Raepsaet-Charlier, 2005, pp. 229–230) criado a partir de *\*salbas* ou *\*šalbas*. Caso seja aquela a forma primitiva, o primeiro elemento repetir-se-ia em **salager** (Faria, 1994a, p. 70, 1995a, p. 328, 1998d, p. 235, 2003a, p. 226, 2004a, p. 289, 2007a, p. 177), NP ibérico cuja identificação Rodríguez (2002 [2003], p. 268) tentou desajeitadamente usurpar-nos (Faria, 2004a, p. 289).

Não estando o NL **SALTIGI** documentado em escrita ibérica, torna-se impossível decidir se este configura um *comparandum* de *\*salbas* ou, em alternativa, de *\*šalbas*. Tal como demonstrámos há alguns anos (Faria, 2007b, p. 217), os numerosos paralelos que se podem aduzir para **tigi** no âmbito da onomástica ibérica retiram qualquer legitimidade ao empenho em atribuir **SALTIGI** a qualquer outro idioma, designadamente o “tartéssico” (Rodríguez, 2007 [2008], p. 105).

**sořseidercetaiYi**. Peso (?) de mármore. Empúries (L’Escala, Girona). *MLH* III 2 C.1.8.

Diversamente do que aventámos durante vários anos (Faria, 1992b, p. 192, 1993a, p. 156, 1994a, p. 68, 1995a, p. 327, 1998d, p. 237, 2004a, p. 299, 2004b, p. 185, 2005a, p. 171), temos vindo a sustentar nos últimos tempos que talvez não se justifique proceder à diferenciação morfo-sintáctica entre **sořseider** e o segmento subsequente, **cetai** (Faria, 2007a, p. 166). Uma tal sequência — sufixada por **Yi**, presumível pronome pessoal (1.<sup>a</sup> pes. sg.) (Tovar, 1961, pp. 64, 65; *MLH* III 1, p. 172, Pérez, 1993, p. 224; Silgo, 2000b, p. 104; Ferrer, 2006 [2008], p. 158) —, se encarada como um todo, deverá constituir um NP trimembre: **sořs-eider-cetai** (Faria, 2007a, p. 166). Nesta eventualidade, o sintagma em questão, **sořseidercetaiYi**, só poderá enquadrar-se no primeiro dos quatro esquemas, identificados por Ferrer (2006 [2008], p. 158), que incluem a partícula **Yi**:

NP + **Yi**. Em princípio, uma diversa função sintáctica de **cetai** relativamente a **sofseider** teria de resultar de uma sequência \**sofseiderařcetaiYi*, a incluir no esquema que Ferrer (2006 [2008], p. 158) elencou em segundo lugar: NP + **ař** + N + **Yi**.

Se **sors** e **eider** já foram objecto da nossa atenção por numerosas vezes (Faria, 1992b, p. 192, 1993a, p. 156, 1994a, p. 68, 1995a, p. 327, 2004a, p. 299, 2005a, p. 171), resta-nos debruçar com mais pormenor sobre o terceiro dos membros que compõem o NP em análise.

Atendendo à circunstância de, até hoje, não termos encontrado ao menos um NP ibérico que atestasse a ocorrência de **cetai**, forçoso se torna tentar relacionar este segmento com determinados componentes onomásticos ibéricos que legitimem a sua interpretação como elemento integrante do dito NP.

Deste modo, muito embora faltem as provas da existência de um tal parentesco, não nos repugna aceitar que tanto **cetar** como **cetei**, testemunhados, respectivamente, nos NNP **bacařcetar** (Panosa, 2001, p. 526; Faria, 2002a, p. 123) e **bacařcetei** (Correa, 1992, p. 276; Faria, 2002a, p. 123, 2004a, p. 303), partilhem o mesmo radical com **cetai** (Faria, 2007a, p. 166). Aliás, este último morfema poderá não ser mais do que uma variante contextual de **cetar** (Faria, 2002a, p. 123, 2007a, p. 166; Orduña, 2008, p. 287).

Ferrer (2009, p. 454, n. 8), ao privilegiar a transliteração **sofseitercetaiYi**, contrariando a sua posição anterior (Ferrer, 2006 [2008], p. 145), não parece reconhecer na inscrição em apreço a notação da oposição de sonoridade entre oclusivas. Dadas as características do respectivo suporte, o mesmo linguista inclina-se para enquadrar a referida inscrição no âmbito da metrologia, como referência a algo semelhante a “oito (**sořse**) **eta**”, fazendo corresponder este último termo a uma unidade de peso.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ADAMS, James Noel (2003) - *Bilingualism and the Latin language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1961) - L'indo-européen et l'anthroponymie ibérique. In PUCHNER, Karl, ed. - *VI. Internationaler Kongress für Namenforschung, München: 24.–28. August 1958. Kongressberichte. Band II*. München: Bayerische Akademie der Wissenschaften, pp. 82–87.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- APRH = RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2010) - *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- AQUILUÉ ABADIAS, Xavier; VELAZA FRÍAS, Javier (1993) - Un falso epigrafe ibérico en el MNAT (Museu Nacional Arqueològic de Tarragona). *Faventia*. Barcelona. 15:2, pp. 7–21 < <http://www.raco.cat/index.php/Faventia/article/view/51016/55796> >.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2009) - Aviòn y otras volanderas notas arqueoibéricas. *Estudios de Lengua y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 9, pp. 13–44 < [http://www.racv.es/files/02\\_X.\\_Ballester1.pdf](http://www.racv.es/files/02_X._Ballester1.pdf) >.
- BECKER, Lidia (2009) - *Belasco y Didaco: non Latini ergo prae-Latini sunt?* In KREMER, Dieter, ed. - *Onomástica galega II: onimia e onomástica prerromana e a situación lingüística do noroeste peninsular*. Santiago de Compostela: Universidade, pp. 263–281.
- BELTRÁN VILLAGRASA, Pio (1954) - *El plomo inscrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente)*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación Provincial.
- BENDALA GALÁN, Manuel (2009) - El privilegio histórico y cultural de la moneda: aliento y compromiso científicos. In ARÉVALO GONZÁLEZ, Alicia, ed. - *Actas del XIII Congreso Nacional de Numismática «moneda y arqueología». Tomo I. Cádiz, 22–24 de octubre de 2007*. Madrid: Sociedad Iberoamericana de Estudios Numismáticos; Cádiz: Universidad, pp. 17–48.
- BERNARD, Gwladys; CHRISTOL, Michel (2009) - Les relations militaires entre l'Hispanie et la Maurétanie Tingitane à la fin du I<sup>er</sup> siècle. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid. 39:2, pp. 189–208.
- BONNEVILLE, Jean-Noël; DARDAINE, Sylvie; LE ROUX, Patrick (1988) - *Belo V: l'épigraphie: les inscriptions romaines de Baelo Claudia*. Madrid: Casa de Velázquez.

- CANFORA, Luciano (2010) - *Il viaggio di Artemidoro: vita e avventure di un grande esploratore del l'Antichità*. Milano: Rizzoli.
- CIL I<sup>2</sup> = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II<sup>2</sup>/5 = STYLOW, Armin U.; ATENCIA PÁEZ, Rafael; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Julián; GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro; GIMENO PASCUAL, Helena; RUPPERT, Monika; SCHMIDT, Manfred G. (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conventus Astigitanus (CIL II<sup>2</sup>/5)*. Berlin; New York: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIÖN*. Napoli. 14, pp. 253-291.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101-116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, pp. 263-287 < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=41307> >.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2008) - Crónica epigráfica del Sudeste I. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 253-291 < <http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/28/40/16correa.pdf> >.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009a) - Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la lengua y la epigrafía. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTÍ-AGUILAR, Manuel, eds. - *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 273-295.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009b) - Reflexiones sobre la lengua de las inscripciones en escritura del Sudoeste o tartesia. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 295-307 < <http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/54/23correa.pdf> >.
- CORTÉS Y LOPEZ, Miguel (1836) - *Diccionario Geografico-Historico de la Espana Antigua Tarraconense, Bética y Lusitana. Tomo II*. Madrid: Imprenta Real < [http://books.google.es/books?id=YP0HAAAAQAAJ&printsec=frontcover&source=gbs\\_v2\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.es/books?id=YP0HAAAAQAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false) >.
- CORZO SÁNCHEZ, Sebastián; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; STYLOW, Armin U.; UNTERMANN, Jürgen (2007) [2008] - *Betatum*, la primera divinidad ibérica identificada. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 7, pp. 251-262 < [http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/27/28/13.corzo\\_et.al.pdf](http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/27/28/13.corzo_et.al.pdf) >.
- CRINITI, Nicola (1970) - *L'epigrafe di Asculum di Gn. Pompeo Strabone*. Milano: Editrice Vita e Pensiero.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia; GAMBARI, Filippo Maria (2010) - Elementi di toponomastica celtica nel Papiro di Artemidoro. In GALLAZZI, Claudio; KRAMER, Bärbel; SETTIS, Salvatore; SOLDATI, Agostino, eds. - *Intorno al Papiro di Artemidoro, I. Contesto culturale, lingua, stile e tradizione. Atti del Convegno internazionale del 15 novembre 2008 presso la Scuola Normale Superiore di Pisa*. Milano: Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, pp. 129-153.
- DELAMARRE, Xavier (2007) - *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DEVI = AGUD QUEROL, Manuel; TOVAR LLORENTE, Antonio (1989) - *Diccionario Etimológico Vasco, I: A - ARDUI*. Donostia-San Sebastián: Gipuzkoako Foru Aldundia/Diputación Foral de Guipúzcoa.
- DÍAZ ARIÑO, Borja; MÍNGUEZ MORALES, José Antonio (2009) - Un nuevo grafito ibérico procedente del yacimiento de La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Zaragoza). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 435-450 < <http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/54/31diazminguez.pdf> >.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003<sup>2</sup>) - *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2<sup>e</sup> édition revue et augmentée. (2001<sup>1</sup>)*. Paris: Errance.
- EUZENNAT, Maurice (1989) - *Le limes de Tingitane: la frontière méridionale*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- FARIA, António Marques de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, pp. 73-88 < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3802.pdf> >.
- FARIA, António Marques de (1991a) - [Recensão de] UNTERMANN, J. - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 187-197.
- FARIA, António Marques de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 13-22.
- FARIA, António Marques de (1992a) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, pp. 39-48.
- FARIA, António Marques de (1992b) - [Recensão de] VELAZA FRÍAS, J. - *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989*. Barcelona: Universitat, 1991. *Conimbriga*. Coimbra. 31, pp. 191-195.
- FARIA, António Marques de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, pp. 277-279 < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3816.pdf> >.
- FARIA, António Marques de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Linguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penelope*. Lisboa. 12, pp. 145-161 < [http://www.penelope.ics.ul.pt/indices/penelope\\_12/12\\_15\\_AFaria.pdf](http://www.penelope.ics.ul.pt/indices/penelope_12/12_15_AFaria.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (1993b) - [Recensão de] CURCHIN, L. A. - *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 136-140.

- FARIA, António Marques de (1994a) - Subsídios para o estudo da antropónimo ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65-71.
- FARIA, António Marques de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, pp. 33-60 < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3789.pdf> >.
- FARIA, António Marques de (1994c) - [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. - *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 121-124.
- FARIA, António Marques de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, pp. 323-330 < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3838.pdf> >.
- FARIA, António Marques de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79-88.
- FARIA, António Marques de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 149-187.
- FARIA, António Marques de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, pp. 105-114.
- FARIA, António Marques de (1998a) - [Recensão de] UNTERMANN, Jürgen, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen [Inscriben]*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1997, 758 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, pp. 127-129.
- FARIA, António Marques de (1998b) - [Recensão de] RICHARDSON, John S. - *The Romans in Spain*. Oxford: Blackwell, 1998. VII + 341 p. (A History of Spain; 2), ISBN 0.631-17706-X. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 257-259 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1\\_2/13141516/16.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1_2/13141516/16.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (1998c) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 241-256 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1\\_2/13141516/16.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1_2/13141516/16.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (1998d) - [Recensão de] QUINTANILLA, A. - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 232-240 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1\\_2/13141516/16.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1_2/13141516/16.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (1998e) - [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 228-234 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1\\_1/2/10.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/1_1/2/10.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (1999a) - Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, pp. 29-50 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/2\\_2/4.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/2_2/4.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (1999b) - Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 153-161 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/2\\_1/9.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/2_1/9.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2000a) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121-151 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/3\\_1/4.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/3_1/4.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61-66 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/3\\_2/5.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/3_2/5.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 95-107 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/4\\_1/6.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/4_1/6.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2001b) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 206-212 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/4\\_1/12.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/4_1/12.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121-146 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/5\\_1/6.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/5_1/6.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233-244 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/5\\_2/9.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/5_2/9.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 211-234 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/6\\_1/12.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/6_1/12.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 313-334 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/6\\_2/12.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/6_2/12.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273-315 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7\\_1/11.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7_1/11.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 175-192 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7\\_2/10.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/7_2/10.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 163-175 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/8\\_1/2/8.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/8_1/2/8.pdf) >.

- FARIA, António Marques de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 273–292 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/8\\_2/5/10.p.273-292.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/8_2/5/10.p.273-292.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2006a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 115–129 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/9\\_1/2/06-p.115-130.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/9_1/2/06-p.115-130.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2006b) - Novas notas historiográficas sobre *Augusta Emerita* e outras cidades hispano-romanas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 211–237 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/9\\_2/3/11-p.211-238.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/9_2/3/11-p.211-238.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2007a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 161–187 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/10\\_2/10-11-12-13-14/Cronica13.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/10_2/10-11-12-13-14/Cronica13.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209–238 < [http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/10\\_1/1/Cronica12.pdf](http://194.65.130.238/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/10_1/1/Cronica12.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 57–102 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/11\\_1/2/Cronica14.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/11_1/2/Cronica14.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] - Crónica de onomástica paleo-hispánica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 145–158 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/11.2/5\\_6\\_7\\_8/08\\_p.145-158.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/11.2/5_6_7_8/08_p.145-158.pdf) >.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] - Artemidoro entre os *Salakeinoi*? *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:1, pp. 115–125 < [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/12\\_1/12\\_1artigos/115\\_126.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/12_1/12_1artigos/115_126.pdf) >.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico” (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 957–982 < [http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/26/22/\\_ebook.pdf](http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/26/22/_ebook.pdf) >.
- FERRER I JANÉ, Joan (2006) [2008] - Nova lectura de la inscripció ibèrica de La Joncosa (Jorba, Barcelona). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 23, pp. 129–170.
- FERRER I JANÉ, Joan (2008) [2009] - Ibèric **tagiar**. Terrissaires que signen les seves produccions: **biufko**, **ibeitigef**, **biufbedi** i companyia. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona. 6, pp. 81–93.
- FERRER I JANÉ, Joan (2009) - El sistema de numerales ibèric: avances en su conocimiento. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 451–479 < <http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/54/32ferrer.pdf> >.
- FERRER I JANÉ, Joan; GARCÉS I ESTALLÓ, Ignasi; GONZÁLEZ PÉREZ, Joan Ramon; PRINCIPAL I PONCE, Jordi; RODRÍGUEZ I DUQUE, Josep Ignasi (2009) [2010] - Els materials arqueològics i epigràfics de Monteró (Camarasa, la Noguera, Lleida): troballes anteriors a les excavacions de l'any 2002. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 27, pp. 109–154 < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3153747> >.
- GALSTERER-KRÖLL, Brigitte (1972) - Untersuchungen zu den römischen Beinamen der Städte des Imperium Romanum. *Epigraphische Studien*. Bonn. 9, pp. 44–145.
- GARCÍA-BELLIDO, María Paz; QUESADA SANZ, Fernando (1995) - Sobre la localización de *ikale(n)skan* y la iconografía de sus monedas. In GARCÍA-BELLIDO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 65–73.
- GAVEL, Henri (1921) - Éléments de phonétique basque. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. Paris. 12:1, pp. 2–536 < <http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/riev/12001536.pdf> >.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, María Cruz (1986) - *Las unidades organizativas indígenas del área indoeuropea de Hispania*. Vitoria-Gasteiz: Instituto de Ciencias de la Antigüedad, Universidad del País Vasco.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, María Cruz; MARCO SIMÓN, Francisco (2009) - Divinidades y devotos indígenas en la *Tarraconensis*: las dedicaciones colectivas. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 65–81 < <http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/54/07glezmarco.pdf> >.
- GORGUES, Alexis (2010) - *Économie et société dans le Nord-Est du domaine ibérique (III<sup>e</sup> – I<sup>er</sup> s. av. J.-C.)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1995) [1997] - Los Pirineos entre Galia e Hispania: las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, pp. 181–234.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2010) - El aquitano y el vasco ante la escritura. In CARRASCO SERRANO, Gregorio; OLIVA MOMPEÁN, Juan Carlos, eds. - *El Mediterráneo antiguo: lenguas y escrituras*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 393–422.
- GREENBERG, Joseph H. (1963/1990) - Some universals of grammar, with particular reference to the order of meaningful elements. In GREENBERG, Joseph H., ed. - *Universals of language*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology Press, pp. 58–90 [= DENNING, Keith; KEMMER, Suzanne, eds. - *On language: selected writings of Joseph H. Greenberg*. Stanford: Stanford University Press, pp. 40–70]. *HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- HEpOL* = *Hispania Epigraphica Online Database* < <http://www.eda-bea.es/> >.

- DE HOZ BRAVO, Javier (2001) - Hacia una tipología del ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 335–362.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2002) - La leyenda monetar *ikalesken* (MLH A.95). In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998)*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, pp. 212–219.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2007) - Cerámica y epigrafía paleohispánica de fecha prerromana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 80, pp. 29–42 < <http://aespa.revistas.csic.es/index.php/aespa/article/view/26/26> >.
- HÜBNER, Emil (1862) - Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal. *Monatsberichte der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin aus dem Jahre 1861*. Berlin, pp. 16–113 < <http://bibliothek.bbaw.de/bibliothek-digital/digitalequellen/schriften/anzeige?band=09-mon/1861> >.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, Alfonso (1985) - Sobre los topónimos *Oca* y su entorno. In MELENA JIMÉNEZ, José Luis, ed. - *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenario oblatae. Pars altera*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 1007–1016.
- LAFON, René (1965) - Inscriptions en caractères ibères de Perpignan. *Revue Internationale d'Onomastique*. Paris. 17:1, pp. 1–6.
- LE ROUX, Patrick (2009a) - Peuples et cités de la péninsule Ibérique du II<sup>e</sup> a. C. au II<sup>e</sup> p. C. *Pallas*. Toulouse. 80, pp. 147–173.
- LE ROUX, Patrick (2009b) - Inscriptions romaines de Belo, 1988–2008. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid. Nouvelle série. 39:1, pp. 163–174.
- LLORENS FORCADA, María del Mar; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2002) - Las imágenes. In RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau; LLORENS, María del Mar - *Ars-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja, pp. 65–120.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2003) - Gaulish personal names: an update. *Études Celtiques*. Paris. 35, pp. 181–247.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2009) - Notas sobre algunas inscripciones paleohispánicas. *Palaehispanica*. Zaragoza. 9, pp. 701–709 < <http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/54/44lujan.pdf> >.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977<sup>2</sup>) - *Fonética histórica vasca*. 2.<sup>a</sup> ed. (1961<sup>1</sup>). San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997<sup>5</sup>) - *Apellidos vascos*. 5.<sup>a</sup> ed. (1953<sup>1</sup>). San Sebastián: Txertoa.
- MLH II = UNTERMANN, Jürgen (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtke]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2007) - *Lèxic d'inscripcions ibèriques (1991-2006)*. Tesis doctoral dirigida pel Prof. Dr. Javier Velaza Frías. Barcelona: Universitat < [http://www.tesisenxarxa.net/TESIS\\_UB/AVAILABLE/TDX-1004107-105220//NMM\\_TESI.pdf](http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UB/AVAILABLE/TDX-1004107-105220//NMM_TESI.pdf) >.
- MOZAS MORENO, María de los Santos (2007) - Consideraciones sobre las emisiones de *Iltiraka*: procedencia y tipología. In *Actas del XII Congreso Nacional de Numismática, Madrid, 25–26 de octubre de 2004*. Madrid: Real Casa de la Moneda, pp. 269–286.
- MOZAS MORENO, María de los Santos (2009) - Las emisiones de una *no ciudad* en el Alto Guadalquivir. In ARÉVALO GONZÁLEZ, Alicia, ed. - *Actas del XIII Congreso Nacional de Numismática «moneda y arqueología». Tomo I. Cádiz, 22–24 de octubre de 2007*. Madrid: Sociedad Iberoamericana de Estudios Numismáticos; Cádiz: Universidad, pp. 279–298.
- NOVILLO LÓPEZ, Miguel Ángel (2009) - *Amicitia* y relaciones clientelares durante el *Bellum Hispaniense*. *Espacio, Tiempo y Forma. Serie II, Historia Antigua*. Madrid. 22, pp. 127–139 < <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:ETFSerieII2009-22-10010&dsID=PDF> >.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2006) - *Segmentación de textos ibéricos y distribución de los segmentos*. Tesis doctoral inédita, dirigida por J. de Hoz y R. Pedrero. Madrid: UNED (<<http://iespontdesuert.xtec.cat/tesis.pdf>>).
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2008) - Ergatividad en ibérico. *Emerita*. Madrid. 76:2, pp. 275–302 < <http://emerita.revistas.csic.es/index.php/emerita/article/viewFile/299/308> >.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2009) - Nueva interpretación de la inscripción de *Betatum*. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 26, pp. 359–362.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- ORTIZ DE URBINA ÁLAVA, Estibaliz (2000) - *Las comunidades hispanas y el derecho latino: observaciones sobre los procesos de integración local en la práctica políticoadministrativa al modo romano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- PALOMAR LAPESA, Manuel (1957) - *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2001) - Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 511–540.

- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2009) - *De Kese a Tarraco: la població de la Tarragona romanorepublicana, amb especial referència a l'epigrafia*. Tarragona: Arola Editors.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, pp. 221-229.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2004) - Sobre la sintaxis del ibérico. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 95, pp. 159-164 < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=865079> >.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2004) - Componentes toponímicos típicos de las lenguas paleohispánicas. *Arse*. Sagunto. 40, pp. 17-28 < [http://www.centroarqueologicosaguntino.es/uploads/descargas/358\\_03\\_componentes\\_toponimicos.pdf](http://www.centroarqueologicosaguntino.es/uploads/descargas/358_03_componentes_toponimicos.pdf) >.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2009) [2010] - Sufijos nominales protohispánicos: los étnicos y gentilicios. *Arse*. Sagunto. 43, pp. 33-50 < [http://www.centroarqueologicosaguntino.es/uploads/descargas/513\\_04%20sufijos%20nominales.pdf](http://www.centroarqueologicosaguntino.es/uploads/descargas/513_04%20sufijos%20nominales.pdf) >.
- PETERSON, David (2009) - *Frontera y lengua en el Alto Ebro, siglos VIII-XI: las consecuencias e implicaciones de la invasión musulmana*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca (2005) - Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca - *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153-364.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RAEPSAET-CHARLIER, Marie-Thérèse (2005) - Réflexions sur les anthroponymes «à double entrée» dans le monde romain. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles. 74, pp. 225-231.
- RAYBOULD, Marilynne E.; SIMS-WILLIAMS, Patrick (2009) - *Introduction and supplement to the corpus of Latin inscriptions of the Roman Empire containing Celtic personal names*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) [2003] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua ibera. *Cypsela*. Girona. 14, pp. 251-275 < <http://www.raco.cat/index.php/Cypsela/article/view/118501/236776> >.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2005) - Introducció a l'estudi de les inscripcions ibèriques. *Revista de la Fundació Privada Catalana per a l'Arqueologia Ibèrica*. Barcelona. 1, pp. 13-144.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2007) [2008] - Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y observaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. Sagunto. 41, pp. 75-114 < [http://www.centroarqueologicosaguntino.es/uploads/descargas/336\\_07\\_etica\\_y\\_epigrafia.pdf](http://www.centroarqueologicosaguntino.es/uploads/descargas/336_07_etica_y_epigrafia.pdf) >.
- RODRIGUEZ, Laëtitia; SABLAYROLLES, Robert (2008) - *Les autels votifs du musée Saint-Raymond, musée des antiques de Toulouse. Catalogue raisonné*. Toulouse: Musée Saint-Raymond.
- RUEDA GALÁN, Carmen (2009) - Los lenguajes iconográficos como sistemas identitarios en la cultura ibérica: el Alto Guadalquivir. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTÍ-AGUILAR, Manuel, eds. - *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 237-272.
- RUIZ RODRÍGUEZ, Arturo; MOLINOS MOLINOS, Manuel (2009) - Identidad y territorio entre los iberos del Alto Guadalquivir. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTÍ-AGUILAR, Manuel, eds. - *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 133-164.
- SCHMOLL, Ulrich (1956) - Turma Salluitana. Einige Bemerkungen zur lateinischen Umschreibung hispanischer Eigennamen. *Glotta*. Göttingen. 35:3-4, pp. 304-311.
- SCHMOLL, Ulrich (1959) - *Die Sprachen der vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und das Keltiberische*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SCHMOLL, Ulrich (1960) - Die Wortstämme iltif und iltu in der hispanischen Namenbildung. *Die Sprache*. Wien. 6, pp. 46-55.
- SCHUCHARDT, Hugo (1907) - Die iberische Deklination. *Sitzungsberichte der Wiener Akademie der Wissenschaften, Philologisch-historische Klasse*. Wien. 157:2, pp. 1-90 < [http://ia341341.us.archive.org/load\\_djvu\\_applet.php?file=3/items/sitzungsbericht17klasgoog/sitzungsbericht17klasgoog.djvu](http://ia341341.us.archive.org/load_djvu_applet.php?file=3/items/sitzungsbericht17klasgoog/sitzungsbericht17klasgoog.djvu) >.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909) - Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. Paris. 3:3, pp. 237-247 < <http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/riev/03237247.pdf> >.
- SILES RUIZ, Jaime (1981) - Sobre el signo ibérico «Y» y los valores fonéticos que anota: apuntes para una sistematización de las grafías de las nasales en la escritura ibérica. *Emerita*. Madrid. 49:1, pp. 75-96.
- SILES RUIZ, Jaime (1986) - Sobre la epigrafía ibérica. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 17-42.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 1).
- SILGO GAUCHE, Luis (2000a) - El problema de las silbantes ibéricas. *Habis*. Sevilla. 31, pp. 503-521 < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=289178> >.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000b) - De nuevo sobre el "genitivo" ibérico en -en. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), pp. 99-118.

- SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] - La antroponimia ibérica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 139-155.
- SILGO GAUCHE, Luis (no prelo) - Miscelánea ibérica y vasca. *Arse*. Sagunto. 44.
- SILGO GAUCHE, Luis; TOLOSA LEAL, Antonio (2000) - Plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Arse*. Sagunto. 34, pp. 39-44.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2008) - Dos estampillas inscritas sobre pesas de telar de la colección Samitier. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 257-278 < <http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/28/40/15simon.pdf> >.
- SOLIER, Yves (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, pp. 55-123.
- SOLIER, Yves; BARBOUTEAU, Henri (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 61-94.
- SPEIDEL, Michael P. (2002) - The Roman army in North Africa. *Journal of Roman Archaeology*. Ann Arbor, MI. 5, pp. 401-410.
- SPEIDEL, Michael P. (2004) - A Spanish horseman in Mauretania Tingitana. In LE BOHEC, Yann, ed. - *L'Afrique, la Gaule, la religion à l'époque romaine: mélanges à la mémoire de Marcel Le Glay*. Bruxelles: Latomus, pp. 129-131.
- TIR, J-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-30: Valencia. *Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Ciencia y Tecnología-Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002].
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1961) - *The ancient languages of Spain and Portugal*. New York: S. F. Vanni.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TRASK, Robert Lawrence (1997) - *The history of Basque*. London-New York: Routledge.
- TRASK, Robert Lawrence (2008) - *Etymological Dictionary of Basque* < [www.sussex.ac.uk/linguistics/documents/lxwp23-08\\_edb.pdf](http://www.sussex.ac.uk/linguistics/documents/lxwp23-08_edb.pdf) >.
- UNTERMANN, Jürgen (1969) - Lengua gala y lengua ibérica en la Galia Narbonensis. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 12, pp. 99-161.
- UNTERMANN, Jürgen (1996a) - La frontera entre las lenguas ibérica y celtibérica en las provincias actuales de Zaragoza y Teruel. In *Homenaje a Purificación Atrián*. Teruel. Diputación Provincial, pp. 177-189.
- UNTERMANN, Jürgen (1996b) - Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección Arqueología; 19), pp. 109-166.
- UNTERMANN, Jürgen (1996c) - Los plomos ibéricos: estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (Curso de la U.I.M.P.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 75-108.
- UNTERMANN, Jürgen (1998) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, pp. 73-85.
- UNTERMANN, Jürgen (2009) - Galicia y Celtiberia: rasgos comunes y diferentes. In KREMER, Dieter, ed. - *Onomástica galega II: onimia e onomástica prerromana e a situación lingüística do noroeste peninsular*. Santiago de Compostela: Universidade, pp. 185-198.
- UNTERMANN, Jürgen (2010) - La aportación de la toponimia a la definición de las lenguas ibérica y tartesia. In CARRASCO SERRANO, Gregorio; OLIVA MOMPEÁN, Juan Carlos, eds. - *El Mediterráneo antiguo: lenguas y escrituras*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 333-359.
- VALLEJO RUIZ, José María (2005) - *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VALLEJO RUIZ, José María (2005) [2006] - La composición en la antroponimia antigua de la Península Ibérica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. - *Acta Palaeohispanica IX: actas del IX Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas, Barcelona, 20-24 de octubre de 2004*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, 2005), pp. 99-134.
- WODTKO, Dagmar (2009) - Language contact in Lusitania. *International Journal of Diachronic Linguistics and Linguistic Reconstruction*. München. 6:1, pp. 1-48.

